



Folhas

secas como convém

Roberto Boclin



Editora do autor

Roberto Boclin

Folhas

secas como convém

Terceira Edição
Revisada

Rio de Janeiro
2019



Editora do autor

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

B664E Boclin, Roberto.

Folhas Secas como convém.

Roberto Boclin. - -

São Paulo : PerSe, 2016.

ISBN: 978 - 85 - 464 - 0222 - 9

- | | | | |
|------------|---------|----|----------|
| 1. | Poesias | 3. | Crônicas |
| 2. | Prosas | | |
| I. Título. | | | |

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesias:
2. Prosas: Brasil: Crônicas: 378.102

ISBN 978-85-464-0222-9



LIVRO - IMPRESSO

Esta 3ª edição
Revisão

Profª Ana Maria Loureiro Carneiro
Prof. N. R. Feichas



Editora do autor

LIVRO DIGITAL
Distribuição eletrônica

Ah! velhos livros.
Já não nos falam 1
Se são as mesmas pálpebras cansadas
e os mesmos olhos, já que não mudaram.

As palavras das páginas marcadas,
por que não choram mais onde choraram?
É que as palavras ficam bem guardadas
lá no recanto d'alma em que ficaram.

E quantas almas há num corpo, quantas!
— cismo ao reler um livro, velho amigo
que o tempo amarelou e a que umas plantas

deram um cheiro bom de tempo antigo,
e que eu embora leia tantas vezes,
tantas... quero chorar e não consigo!

(ONESTALDO DE PENNAFORT - in Poesia)

Ao Prof. Dr. Marcelo Pereira Marujo meus
agradecimentos pelo projeto, arte, diagramação, revisão
do texto e supervisão editorial.

APRESENTAÇÃO

Caros amigos

A minha relação com a poesia vem desde menino. A minha mãe Maria Magdalena, ex-aluna do Colégio Sion, em 1930, fluente no idioma francês, escrevia poemas neste idioma, em cadernos, gostava de lê-los para mim e comentava sobre os estilos dos grandes poetas, como: Baudelaire, Antonin Artaud, Paul Valery, Voltaire e também de outras nacionalidades como Rainer Maria Rilke e Erza Pound (alemães), Jorge Luis Borges e Júlio Cortazar (argentinos), Pablo Neruda (chileno), os portugueses Luis Vaz de Camões, Fernando Pessoa e seus heterônimos, Mário de Sá Carneiro, José Régio, Florbela Espanca, Almeida Garret, os brasileiros Onestaldo de Pennafort, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Vinicius de Moraes, Cecília Meirelles, Ferreira Gullar, João Cabral de Melo Neto, Olavo Bilac e tantos outros.

Eu, quando mais jovem, gostava muito das declamações do português João Villaret, do

Paulo Gracindo, da Maria Sabino, do Sergio Cardoso e mais recentemente da Maria Betânia.

Daí para tentar escrever foi um desafio atraente, principalmente, depois de ler Guilherme de Almeida e os seus haikai.

Os que liam o que eu escrevia gostavam muito e me animaram a editá-los.

Folhas decorreu do meu encontro com o trabalho de um notável pintor/escultor no Museu de Belas Artes, há alguns anos, que promoveu um impacto extraordinário no sentimento do vazio, da solidão e que me fez escrever na época a poesia que deu origem ao livro.

As demais têm mais de 30 anos e servem como reflexão tardia de minha memória.

Espero que sejam do seu agrado.

Roberto Boclin



Folhas secas como convém

Poesias

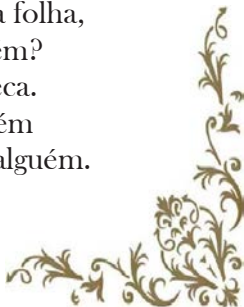


A Carmen com afeto!!!



I - FOLHAS

Lá se vai uma folha,
seca como convém,
é só uma folha.
Depois da ventania,
procuro a folha seca,
é só uma folha.
Uma outra folha?
Seca como convém?
Não acho ninguém.
São folhas o que procuro?
Secas como convém?
São folhas ou é alguém?
Não acho as folhas,
secas como convém,
não me acho também.
Seria eu uma folha seca?
Se não acho uma folha,
seca como convém?
Sim, sou folha seca.
Seca como convém
sem outra folha alguém.







II - MAIS QUE PERFEITO

Quem me dera que a vida fosse fácil
como acordar numa bela manhã de sol
e respirar o ar puro e cheiroso que vem da mata
para depois, sentado na cadeira de balanço,
que me teriam dado como presente de aniversário,
deixar-me levar por ideias soltas e despreziosas.

Quem me dera adormecer na noite clara,
iluminada pelo brilho distante das estrelas,
embaçado pelo coxar dos campos escuros
e pelos sons melódiosos dos regatos e das brisas,
enquanto o corpo em merecido repouso,
se cobrisse de lençóis de cambraia fina e perfumada.





Quem me dera que tivesse amigos de qualidade,
não menos que um e nem mais que meia dúzia,
para conversar assuntos inócuos e levianos,
que me permitissem que eu gostasse deles,
enquanto na simplicidade divina da afeição,
gostassem também das minhas imperfeições e desatinos.

Quem me dera que eu pudesse me exprimir como um poeta
e revelar, em palavras agrupadas como notas musicais,
a harmonia triste e lúcida de uma alma que desconheço,
enquanto a chuva fina viesse molhar as vidraças
de onde eu só consigo ver um passado inútil,
grandeza real do oposto do que quis ser.





Quem me dera que, num golpe de sorte,
eu pudesse deixar de pensar na felicidade
e, de repente , na calada da tarde, com ela deparasse
inteira e nua diante de mim, exposta
aos meus instintos estúpidos e irracionais,
para descobrir , então, a espantosa razão de tudo.

Quem me dera existir e poder anunciar a minha presença
e ser amado intensamente sem que me fizessem devedor,
ser distraído e não perceber a injustiça,
ser bom sem caridade ou pena por cumprir,
viver o simples e vago motivo universal,
para finalmente cerrar os olhos e ser
mais que perfeito.







III - TRISTEZA

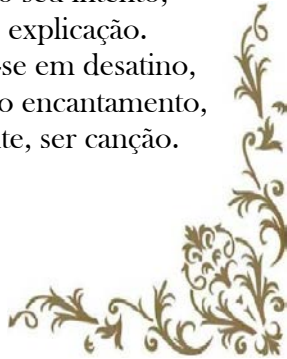
Escorrem da minh'alma
lágrimas certas
que não se deixam perceber
se de alegrias ou desencantos
só elas
na imensidão desta saudade!





IV - DOLORIDA

Se me disser que sofreu na vida
sem ter amado,
eu digo que não sofreu.
Que amou de amor errado,
tem a alma dolorida,
eu digo então que viveu.
Amar é dor que enlouquece
e faz perder a razão
sem motivo aparente,
vem de dentro a paixão,
parece que nem se sente
mas é mal que não se esquece.
Se tentar explicar o seu destino
vai logo fracassar no seu intento,
o amor não admite explicação.
Na loucura perder-se em desatino,
na alma desprezar o encantamento,
na vida não ser gente, ser canção.





V - AUSÊNCIAS

Viver entre a falta de alegrias
e de tristezas
no desalento das porfias
e das incertezas.

Viver como um náufrago
em terra
sem vislumbrar afago
ou guerra.

Viver absolutamente a esmo,
sem metáforas,
sem metas, rumos, no mesmo
por aí afora.

Viver das ausências
sem lembranças,
sem valores ou essências,
sem esperanças.





VI - NOITE MISTERIOSA

Um dia
alguém,
quem sabe, poderia,
no meu rosto triste
descobrir alegria,
que nem sei se existe.
Talvez, a lua faceira,
que chega silenciosa
na noite misteriosa.
É! Só a lua faceira,
e mais,
ninguém!





VII - O SABIÁ

Passou perto de mim, voando.
um sabiá da tarde.
Pensei que me trazia uma notícia,
não, continuou seu voo.
Nem me viu!





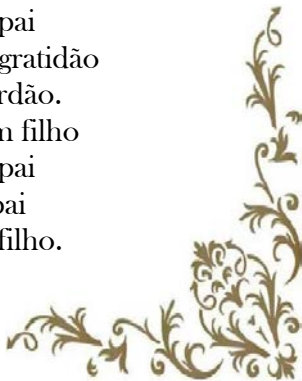
VIII - O PAI E O FILHO

Quem sabe um filho
melhor que o pai
que vê a verdade
por traz da saudade.
Quem sabe um filho
melhor que o pai
que fez do amor
uma face da dor.
Quem sabe um filho
melhor que o pai
que pensou que viver
era razão para sofrer.
Quem sabe um filho
melhor que o pai
que não teve alegrias
amargou fantasias.
Quem sabe um filho
melhor que o pai





que perdeu a lembrança
dos tempos de criança.
Quem sabe um filho
melhor que o pai
que não tenha rancores
dos erros e dos amores.
Quem sabe um filho
melhor que o pai
que perceba na medida
a hora e a vez da partida.
Quem sabe um filho
melhor que o pai
que não chore no adeus
e que não deva aos seus.
Quem sabe um filho
melhor que o pai
que aceite a ingratidão
e ofereça o perdão.
Quem sabe um filho
melhor que o pai
que saiba ser pai
melhor que o filho.







IX - MOMENTOS

Momentos efêmeros, fugazes encantos,
falsos perdões,
vagas paisagens,
de sonhos e prantos.
Momentos efêmeros, palavras vazias,
olhares perdidos
nos encontros distantes
de trilhas incertas.
Momentos efêmeros, pobres lembranças,
retratos antigos,
saudades amargas
de sinceras perdas.
Que seria de nós
coração aflito,
se não fossem os meus
momentos efêmeros?





X - MULHER NO POEMA

Temo que a noite chegue
sem que tenha te encontrado
a ti amiga minha
razão da minha vida
sopro da minha consciência
atenta e aplicada à tua vida
pensativa discípula das ideias.
Pensei ser hoje o momento,
de sol e calor fora o dia
e a noite se apresenta
com brisa quente.
Ouço a melodia das serenatas.





Mas tu que és apenas mulher
ainda que se sinta como deusa
vais dormir tranquila
pensando nas coisas tuas
nos teus que amas
e nunca em mim.
Tu querida amiga
tens o meu carinho
e compreensão
embora inúteis.
Eis que a luz se apaga
após o derradeiro bocejo dos astros.
És o meu único sonho
estranha mulher do meu poema,
espera comigo outra madrugada.







HAIKAI

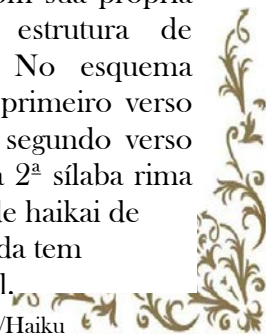




Segundo Goga (1988), o primeiro autor brasileiro de haikai foi Afrânio Peixoto, em 1919, através de seu livro *trovas populares brasileiras*, onde prefaciou suas impressões a respeito do poema japonês: “Os japoneses possuem uma forma elementar de arte, mais simples ainda que a nossa trova popular: é o haikai, palavra que nós ocidentais não sabemos traduzir senão com ênfase, é o epigrama lírico. São tercetos breves, versos de cinco, sete e cinco pés, ao todo dezessete sílabas. Nesses moldes vazam, entretanto, emoções, imagens, comparações, sugestões, suspiros, desejos, sonhos... de encanto intraduzível”.

Quem o popularizou, porém, foi Guilherme de Almeida, com sua própria interpretação da rígida estrutura de métrica, rimas e título. No esquema proposto por Almeida, o primeiro verso rima com o terceiro, e o segundo verso possui uma rima interna (a 2ª sílaba rima com a 7ª sílaba). A forma de haikai de Guilherme de Almeida ainda tem muitos praticantes no Brasil.

* Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Haiku>

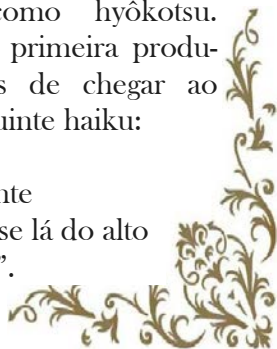




Outra corrente do haikai brasileiro é a tradicionalista, promovida inicialmente por imigrantes ou descendentes de imigrantes japoneses, como H. Masuda Goga e Teruko Oda. Esta corrente define haikai como um poema escrito em linguagem simples, sem rima, estruturado em três versos que somem dezessete sílabas poéticas; cinco sílabas no primeiro verso, sete no segundo e cinco no terceiro.

Como fonte nipônica do ainda haiku, em sua forma original, Goga atribui aos imigrantes japoneses, começando com a chegada do navio **KASATO MARU** ao Porto de Santos, em 18 de junho de 1908. Nele estava Shuhei Uetsuka (1876-1935), um bom poeta de haiku, conhecido como hyôkotsu. Consta ter sido a sua primeira produção, momentos antes de chegar ao Porto de Santos, o seguinte haiku:

“a nau imigrante
chegando: vê-se lá do alto
a cascata seca”.







XII - HAIKAI

Mora comigo
uma saudade de nós
na mocidade.





XIII

Minhas lembranças
do menino de ontem
tristes saudades.





XIV

Mágoas que causei
perdas que foram nossas
tristezas minhas.





XV

Nunca entendi
os nossos descaminhos
nem eu nem você.





XVI

O meu caminho
como o teu, não curou
mágoas sentidas.





XVII

Uma palavra
apenas para quebrar
minha solidão.





XVIII

Ninguém pergunta
ou conversa comigo
já que nada sei.





XIX

Pior que não verem
é verem sem perceber
que sou eu ali.





XX

Como mendigo,
embora bem vestido,
peço esmolas.





XXI

Tal qual a folha
meu pobre pensamento
não tem destino.





XXII

O beija-flor viu
uma papoula verde
beijou-a e fugiu.





XXIII

Longe de mim, céu
que meus olhos perseguem
perto de mim, eu.





XXIV

Pensei na vida
o que sou, o que já fui.
O que importa?





XXV

A noite vela
a tristeza que somos
eu, a lua e ela.





XXVI

Da minha vida
só levo as lembranças
sem realizá-las.





XXVII

O ar perfuma
os meus tristes planos,
a metáfora.





XXVIII

A alegria é como
a brisa quente do mar,
venta e passa.





XXIX

Busquei encontrar
as mágoas do coração,
onde procurar?





XXX

Não me pergunte
por que, quando e onde,
ficou marcado.





XXXI

Dia luminoso
no céu de meus sonhos,
você retornou.





XXXII

Regar um jardim
com lágrimas de amor,
começo e fim.





XXXIII

O sol meu calor
a noite meu desejo
a lua meu amor.





XXXIV

Uma tarde fria
na casa de Caxambu,
doce lembrança.





XXXV

Sinto saudades
das folhas secas no chão
do meu gramado.





XXXVI

Jardim de rosas
que com cuidado plantei,
porque espinhos?





XXXVII

Vivi sempre só
cercado de meus sonhos
sem ter sonhado.





XXXVIII

Meu sentimento,
como a correnteza,
passa sem sentir.





XXXIX

Sou como um rio,
corro entre as pedras
sem me machucar.





XL

O mar perfuma
a areia seca do sol
de minha alma.





XLI

Eu navego só
na imensa solidão
que me envolve.





XLII

Em ondas de sal
vejo longe o que fui,
um barco vazio.





XLIII

Ouço murmúrios,
sons distantes do norte,
é o recomeço.





XLIV

A despedida
na hora reflexiva
está ausente.





XLV

Doces harmonias
que me parecem livres
como a brisa.





XLVI

A alegria nova
aponta novo caminho
mesmo sem volta.





XLVII

Vi no seu olhar
que se perdeu no tempo
meu triste olhar.





XLVIII

Já não há tempo
para lembrar os erros
e os acertos.





XLIX

Meus remorsos,
dores da minha alma,
a triste sina.





L

Reminiscências,
como um rio que passa
e nunca volta.





LI

A obstinação
o único segredo
para ser feliz.





LII

Na juventude
os fracassos são nuvens,
melhor esquecer.





Folhas secas como convém

TROVAS



Se a saudade apertar
cante uma canção
pra quem foi paixão,
outra para quem será.





Senti um perfume no ar
que parecia de jasmim
pensei que era você
toda feita para mim.





Quando pensei em você
minha vida se refez
contei três vezes três
para lhe dizer porque.





Por toda noite andei
à procura de alguém
meiga como ninguém
no teu olhar encontrei.





O mar do meu encanto
a distância afastou
as águas o sol secou
só restou meu pranto.





E daí! Diz o refrão
segue teu caminho
vai em frente sozinho
deixa de lado a paixão.





Ela vem sem falar
como quem não quer.
Eu digo-! É mulher
logo vai dominar.





Olá como vai? Como?
Se quiser não atende
Sou só eu que pretende
Dizer que te amo.





Sonhos Cariocas *

*“Sonhar mais um sonho impossível
Lutar quando é fácil ceder
Vencer o inimigo invencível
Negar quando a regra é vender”.*
(Sonho impossível - J. Darion -
M. Leigh - Chico Buarque - Ruy
Guerra)

Anoitece neste Rio de margens estranhas e de percursos insensatos.

Caminho pelas calçadas entristecidas e vazias e sinto a imprecisa desconfiança de que estou sob a espreita de uma intenção que pode antecipar o meu encontro definitivo.

Sento-me à beira das saudades e perco-me na meditação vaga e em devaneios sem lucidez.

* Sonhos Cariocas. Crônica que conquistou o 3º lugar no 9º Concurso Literário do Servidor Público do Estado do Rio de Janeiro no Ano de 2001. Publicação: Servidor das Letras: Rio de Janeiro: FESP - RJ, 2001.

Chego a sonhar!

Vejo o amanhecer de Antonio Maria, na madrugada de sua crônica impregnada de poesia.

Quase incógnito, o meu pensamento perde-se na visão distante desta manhã pura e estética, de sol de domingo, alegre e jovem, onde se encontram os corações de uma juventude ornamentada de esperanças.

Parece que vou me deparar ali na esquina com o Stanislaw e a sua percepção crítica e humorada de um tempo de sorrisos.

Num bar da esquina, Cartola e Pixinguinha cantarolam alguma canção que ficará para sempre.

Creio ter ouvido uma voz melodiosa, que não distingo se de Ângela Maria ou de Elizete, cantando versos colhidos em inspirações de preciosa qualidade.

Até mesmo Agosto tem perfume de um romance, nos personagens de uma tragédia, que um dia será contada pela imaginação privilegiada e culta de Rubem Fonseca.

O carioca boa praça, não importa se vindo de Madureira, Gamboa ou da Zona Sul, pergunta-me pelas horas, embora queira mesmo é puxar conversa inconsequente.

Na favela, de colorido desbotado, onde se rezou a Ave Maria num barracão de zinco, uma jovem, que vem descendo o morro com a lata d'água na cabeça, cruzará com o malandro de calça boquinha e sapato bico fino, de couro de cobra, chegando da gafieira.

Meus companheiros de mocidade se reúnem em torno de minhas divagações confusas.

Antonio, da farmácia, Pedro, da loja de calçados, José, da quitanda e o padeiro Natanael, atraem a minha atenção, antecipando

a construção de famílias simples e organizadas, uma vida de paz e tranquilidade.

O Rio está mais lindo do que nunca e certamente haverá um Carnaval de fantasias e músicas de Lamartine e Braguinha, para serem cantadas nos bailes, blocos e praças.

Agora, acho que vou ao teatro, para assistir Tônia Carrero, Maria Della Costa e Cacilda Becker, contracenando com Paulo Autran, Ítalo Rossi e Sergio Britto.

Amanhã, quem sabe, irei ao cinema Rian, ver Ilka Soares e Anselmo Duarte e, depois, em boa companhia, poderei tomar um chopp no Lucas, porque afinal é o que se leva da vida.

O tempo passou depressa!

O som da AR-15 desperta-me assustado.

Retorno à realidade imprevista.

O domingo passou, estamos no fim do inverno, e tudo indica que o Flamengo vai às finais do campeonato.

A Volkswagen e a Peugeot estão em Porto Real, encontraram mais petróleo em Campos, as praias estão lindas, e o turismo crescendo.

Ainda resta uma esperança e quem sabe uma vontade salvará o Rio.

Uma só vontade. Paz!

OUTRAS OBRAS DO AUTOR

LE SYSTÈME SENAI. INSTITUT INTERNATIONAL DE PLANIFICATION DE L'ÉDUCATION: BRESIL. Roberto Guimarães Boclin. 1975.

LE SYSTÈME SENAC. INSTITUT INTERNATIONAL DE PLANIFICATION DE L'ÉDUCATION: BRESIL. José Carlos Vieira de Figueiredo; Roberto Guimarães Boclin. - 1975.

UM CERTO DIA DE AGOSTO - SENAI - RJ - 1992.

CONVERSANDO SOBRE EDUCAÇÃO - ABE 2002.

AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL: QUEM ACREDITA? Editora e Livraria Espaço do Saber - 2003.

SENSO E CONSENSO - SENAI - DN - 2005.

RESPONSABILIDADE SOCIAL NAS EMPRESAS INDUSTRIAIS BRASILEIRAS - SENAI - DN - 2006.

FICANDO PARA TRÁS: O ENSINO MÉDIO NO RIO DE JANEIRO. Com Mello e Souza, Alberto; Urani, André; Squeff, Gabriel Coelho; Leal, Maria Cristina; Klein, Ruben; Reis, Thiago Cabral. Instituto Unibanco- 2007.

A INDÚSTRIA DO MARANHÃO: UM NOVO CICLO. Autoria com José Ribamar Dourado. IEL DN - 2008.

ONDE ANDA VOCÊ - FAETEC - 2010.

O OUTRO LADO DA EDUCAÇÃO. Roberto Guimarães Boclin, 2010.

RESGATANDO O CAPITAL HUMANO - 2015.

EDUCAÇÃO À DERIVA - 2016.

AVALIAÇÃO EXTERNA DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO EM DIREITO: OS INSTRUMENTOS DO INEP/MEC. Wagner, R.; Boclin, R. G.; Elliot, L. Multifoco, Rio de Janeiro, 2016.

Roberto Boclin



Graduado em Engenharia, pela PUC-RIO, e Doutor em Educação, pela UFRJ. Participou de cursos de aperfeiçoamento no Instituto Internacional de Planificação da Educação, em Paris - França, e Avaliação Institucional na Harvard School of Education, em Cambridge - EUA. É Avaliador Institucional do MEC/INEP. Foi Conselheiro Estadual de Educação do Rio de Janeiro, sendo quatro mandatos como Presidente. Diretor Regional do SENAI-RJ por 19 anos. Professor do Mestrado Profissional de Avaliação, da Fundação Cesgranrio. Membro integrante da Direção da Associação Brasileira de Educação. Membro da Academia Brasileira de Educação. Presidente da Academia Internacional de Educação. Eleito Personalidade Educacional por três anos - ABE/ABI/ Folha Dirigida.

Folhas

Parafraseando Fernando Pessoa, não sou poeta, nunca serei poeta.

À parte isto tenho todos os sonhos do mundo.

E, por tanto ou por nada, escrevo os meus versos.

Quem vier a lê-los e sentir o que senti ao escrevê-los, certamente gostará.

Roberto Boclin

